



# Podca\$t Economia\$ Mutante\$

**Podcast\$t Economia\$ Mutante\$**

**Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações**

**Episódio #3: A Vida Social dos Objetos**

**Roteiro:** Renata Nogueira da Silva e Andreza Carvalho Ferreira

**Edição de roteiro:** Irene do Planalto Chemin e Kelly Silva

## ABERTURA

**[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal. A música permanece ao longo de toda a fala de Kelly]**

**Kelly:** Olá, bem vindos, bem vindas e bem vindes ao Economias Mutantes. Um podcast sobre transformações econômicas contemporâneas, pelas lentes da antropologia. Eu sou Kelly Silva, antropóloga e professora da Universidade de Brasília.

Como tudo na vida, a economia é um fenômeno em constante mutação. Suas transformações são consequências de fatos políticos, sociais, ambientais, tecnológicos, morais, de mudanças na infraestrutura, só para citar alguns exemplos. Assim, ao longo da nossa série de podcasts provocamos vocês a pensar como a economia é alterada por fatos que estão fora dela. Porque as economias são formas mutantes, os formatos dos podcasts de nossa série também variam ao longo do tempo. Quem sabe essas estórias nos ajudem a imaginar outras possibilidades de economia, provocando mutações nos nossos próprios pensamentos?

No episódio de hoje, chamado de “A vida social dos objetos”, vamos refletir sobre o que alterações nos usos e práticas de produção de certas coisas nos falam de grandes mudanças nas dinâmicas econômicas. Já pensou no que acontece quando um objeto local, como uma colher, uma máscara ou uma roupa ou um tecido encontra o mercado global e vira mercadoria? Neste episódio, vamos explorar essa questão a partir do tais, que é tecido produzido artesanalmente por mulheres de Timor-Leste, um pequeno país, que ocupa a metade de uma ilha entre a Indonésia e a Austrália. Ao acompanhar a trajetória deste tecido, refletimos sobre como ele se transforma ao circular entre rituais, comunidades, mercados de turismo e políticas de patrimônio cultural. O que muda quando o tais é vendido como lembrança? O que permanece quando ele é reconhecido como símbolo identitário e memória coletiva? Vamos então mergulhar nessa conversa sobre a vida social dos objetos, suas permanências e reinvenções.

**[Trilha sonora: cantores e instrumentistas Adadi, de Ataúro, Timor-Leste: Sr. Tari Sosé (Aleysu Martins), Kalo Kosé (José), Kaé Koli (Marcelo Soares), Koli Kilir (Ermenegildo de Araujo), publicados no CD TIMOR-LESTE Musiques Adadi, île d'Atauro]**

**Renata:** Você já reparou que muitos objetos carregam histórias muito maiores do que a gente imagina? Não são apenas coisas. Eles circulam, mudam de mãos, mudam de sentido e, em alguns casos, chegam até a virar patrimônio da humanidade. Muito interessante isso, não é?

Esse processo, chamado de patrimonialização, é algo muito presente no mundo global. Ele envolve instituições, políticas culturais, inventários, listas e selos internacionais. Mas, no fundo, o que está em jogo é a tentativa de transformar certos artefatos em símbolos coletivos, que representem uma comunidade, um país ou até mesmo a humanidade.

E é aqui que entra o tais, o tecido local de Timor-Leste. O tais é um fio que atravessa a vida social do país. Ele é feito à mão por mulheres em teares de madeira, num longo processo que envolve colher plantas para tingir o algodão,

preparar os fios e, pacientemente, tecer desenhos. Cada cor, cada motivo bordado no tecido, carrega a marca um grupo étnico-linguístico, atuando como espécie de assinatura cultural. É um saber que mistura técnica, paciência e afeto.

Mas antes de aprofundar nessa conversa, é importante situar um pouco o contexto de onde estamos falando. Talvez algumas pessoas que nos escutam não sabem direito onde se situa esse país! Timor-Leste é um pequeno país do Sudeste Asiático. Ele ocupa a metade leste da ilha de Timor e inclui também algumas ilhas menores, como Atauro e Jaco, além do enclave de Oecusse.

A história do país é marcada por muitas lutas. Primeiro, foram séculos de colonização portuguesa, desde o século XVI. Depois, em 1975, veio a invasão pela Indonésia, que durou até o fim dos anos 1990. Foi só em 2002, após um referendo apoiado pela ONU e um processo de reconstrução difícil, que Timor-Leste retomou sua independência. É nesse contexto de resistência, reconstrução e afirmação cultural que o *tais*, o tecido local de Timor-Leste, se configura como uma costura entre passado, presente e futuro.

E para essa conversa eu tenho a alegria de receber a **Andreza Ferreira**, que em 2015 realizou uma pesquisa sobre o tema, produto de sua experiência de campo em Timor-Leste em 2014, quando integrou o primeiro grupo de estudantes pesquisadores brasileiros do LEEG em missão no país. Juntas, vamos pensar o *tais* como patrimônio que continua a tecer conexões entre pessoas, tempos e lugares.

**[Trilha sonora: cantores e instrumentistas Adadi, de Ataúro, Timor-Leste:  
Sr. Tari Sosé (Aleysu Martins). Kalo Kosé (José), Kaé Koli (Marcelo  
Soares), Koli Kilir (Ermenegildo de Araujo), publicados no CD  
TIMOR-LESTE Musiques Adadi, île d'Atauro]**

#### **Bloco 1: O Tais em 2015**

**Renata:** Andreza, a sua pesquisa resultou na monografia *Transformações do talis e transformações pelo talis*. Foi uma das primeiras pesquisas que tomou o

tais como objeto privilegiado de análise, feita por uma pesquisadora da Universidade de Brasília. Conta pra gente: como foi essa experiência de campo?

**Andreza:** Oi Renata, é um prazer estar aqui conversando com você sobre o tais. Quando fiz o projeto para a pesquisa, conhecia o tais apenas por fotos. Sabia que era um tecido feito de forma totalmente manual, que era tecido exclusivamente por mulheres. Quando cheguei em Dili, a capital de Timor-Leste, eu estava muito curiosa para ver e conhecer tais. Mas assim que cheguei, percebi uma recorrência das pessoas em dizer que não existiam tais e tecedeiras na capital, apenas nas montanhas, que é como os timorenses nomeiam o interior do país.

Mas, ao mesmo tempo, as pessoas ficavam muito animadas em saber que eu queria pesquisar o tais, elas falavam que cada distrito de Timor tinha um tais específico. E isso era realmente muito interessante, os tais de Los Palos tinham cores castanhas e uma composição que deixava o tecido final bem colorido. O tais Marobo tinha contrastes de preto e rosa. Os tais de Oecusse tinham técnicas conhecidas como futus de tingimento natural. O tais era um componente admirado por todo timorense, era algo que eles reconheciam como próprio da cultura.

No primeiro mês em Dili fiquei praticamente buscando o tais. Tinham lojas que vendiam produtos de tais, então comecei a visitar as lojas e perguntar para as vendedoras onde eu poderia encontrar o tais, e as tecedeiras. Em algumas lojas as pessoas repetiam o mesmo, diziam que só nas montanhas. Mas teve um dia, que eu entrei em uma loja com uma moça que me disse “eu vou te levar onde tem tais e tecedeiras”.

Ela me levou ao espaço Galpão da Alola, uma ONG fundada pela Kirsten Gusmão, ex primeira dama de Timor. Quando cheguei lá, fiquei completamente encantada, era um espaço na capital mesmo, em Dili, com muitos teares e mulheres tecendo em horário comercial. Perguntei para a administradora do

espaço, que se chama Ofélia, se eu poderia voltar lá e acompanhar o ritmo da produção e felizmente ela disse que sim.

Ofélia tinha muita admiração pelo tais, sua avó tecia. Ela falava português, pois em sua geração as pessoas ainda aprenderam português em Timor. Apenas depois de 1975, o português foi descontinuado como uma língua nacional, depois da invasão da Indonésia. No Galpão da Alola, minha pesquisa foi praticamente toda mediada por conversas com Ofélia, não conversei tanto com as tecedeiras, pois conversar com uma e não outra era um problema, eu tinha que tratar todas igualmente para que não houvesse ressentimentos. Mas quando conversava com Ofélia, como ela tinha um cargo diferente delas, elas não se ressentiam e assim...

**Renata:** Na sua monografia você fala muito da importância da Ofélia. O que ela e as mulheres do Galpão significaram na sua experiência etnográfica?

**Andreza:** Ofélia foi convidada diretamente por Kirsten Gusmão para administrar o braço da Alola relacionado com empoderamento financeiro feminino. A ideia principal era comprar o tais das mulheres, e a partir dessa compra, garantir dinheiro para que elas pudessem ter mais autonomia.

Porém, o tais era um tecido circulado em trocas matrimoniais, e outros eventos relacionados ao ciclo de vida. Por ele ser tão importante, vender o tais era algo complexo: as primeiras tentativas de compra foram inviáveis, pois as tecedeiras queriam vender o tais por 700 dólares, que seria o preço de um búfalo! Essa equivalência era feita pelas mulheres pensando no Barlake, as trocas matrimoniais de Timor-Leste em que circulavam Bufálos para um lado e tais para o outro.

Assim que entrou na Alola, Ofélia idealizou um sistema para que as mulheres compreendesse a entrada do tais no sistema de mercado. Ofélia organizou a compra do tais pela Alolo por pesagem. Então a Alola tinha o preço tabelado por quilo. As mulheres traziam o tais, colocavam na balança e a partir do peso, era calculado o valor.

Depois da compra eram avaliadas qualitativamente as peças. Os tais mais bem elaborados eram separados para serem vendidos inteiros. E os tais que não eram tão elaborados eram encaminhados a virarem bolsas e alguns outros produtos vendidos pela Alola em algumas lojas na cidade. Toda a venda era voltada para o público estrangeiro.

Ofélia mediava a transação do tais tradicional para o tais moderno. Os tecidos relacionados com as trocas em ciclos de vida era o tais tradicional, o tais presente em bolsas e outros artefatos era o tais moderno.

No galpão também eram confeccionados tais, mas quase sempre as confecções feitas lá eram chamadas de “salendas”, que é um tais em um formato específico, um formato de cachecol, sabe?. As salendas eram feitas para serem circuladas como presentes. As encomendas poderiam vir de pessoas, órgãos e outras ONGs. Nas encomendas eram escolhidas as cores das linhas, se haveria algum desenho ou palavra. As salendas eram tecidas por tecedeiras de vários distritos diferentes.

No Galpão tinham tecedeiras e costureiras. A tecelagem do tais é um conhecimento limitado por regras internas familiares, não são todas as mulheres que seriam aptas para tecer. Nesse sentido, era interessante perceber a divisão de trabalho entre as mulheres. Tinha as que teciam, as que costuravam, as que cuidavam de aspectos vitais para o galpão, como a comida. Mas todas enrolavam linha. Pois a forma como as linhas eram compradas eram incompatíveis com o tear. Então, era necessário pegar a linha, que vinha num carretel e enrolar de forma a fazer um novelo circular. Eu também enrolava linha durante o período que ficava em campo.

**[Trilha sonora: cantores e instrumentistas Adadi, de Ataúro, Timor-Leste:  
Sr. Tari Sosé (Aleysu Martins), Kalo Kosé (José), Kaé Koli (Marcelo Soares), Koli Kilir (Ermenegildo de Araujo), publicados no CD  
TIMOR-LESTE Musiques Adadi, île d'Atauro]**

## Bloco 2: Do Tais como Dádiva ao Mercado

**Renata:** De 2015 até hoje, o *tais* foi ganhando novos lugares e significados, né Andreza? Na sua monografia, você mostra como ele circulava principalmente dentro do regime da dádiva, que é um conceito de um antropólogo francês muito clássico, o Marcel Mauss. O regime da dádiva é um sistema de trocas, baseado em afeto, reciprocidade e sociabilidade. E sabe onde a gente nota isso de forma incrível? Nas trocas do casamento. As famílias não estão só casando os filhos; elas estão firmando uma aliança que não termina no dia da festa, mas que cria laços pra vida toda.

Por exemplo, a família do noivo entrega presentes à família da noiva, como animais ou outros objetos de valor simbólico e recebe em troca itens como o *tais*. Mais do que uma transação, essas trocas funcionam como um modo de tecer alianças, reforçando vínculos sociais. Mas, essas trocas também têm obrigações simbólicas, porque não é dar, receber e retribuir apenas os bens, mas as próprias relações sociais, o reconhecimento e a continuidade dessas relações.

Hoje, além desse papel ritual e comunitário, o *tais* também aparece em outros contextos, inclusive no mercado. Então, Andreza, como você percebe essa ampliação de sentidos e possibilidades do *tais* na vida social?

**Andreza:** Então, a Ofélia tinha a ansiedade de modernizar o *tais*, pois não via pessoas aproveitando o *tais* como um tecido. Aí ela pensou: e se fizessemos roupas de *tais*? Saias, vestidos? Para que as pessoas usem o *tais* em seus cotidianos e não apenas em momentos cerimoniais. Assim, logo após a restauração da independência, Ofélia fez um ateliê para trabalhar assim. Kirsten, a primeira dama na época, viu seu trabalho e a convidou para promover essas mudanças de forma maior na ONG Alola.

Outras ONG e outras lojas replicaram o que ocorria na Alola e se engajaram em produzir objetos feitos de *tais* para o mercado. Essa ampliação de horizonte sobre a vida social do *tais* foi de forma muito peculiar, sendo sempre associada

ao empoderamento de mulheres. Então cada peça disponível no mercado tinha uma etiqueta que narrava que aquela peça foi produzida por mulheres e sua compra se reverteria para grupos que empregam essas mulheres.

Quando estive em Timor em 2014, o tais era protagonista de vários processos. Era muito comum encontrar lojas que vendiam objetos feitos de tais, não só da Alola, mas de outras ongs. Havia brincos, cadernos, diademas, acessórios para cabelo, bolsas e outras peças. Ao mesmo tempo, também era possível encontrar exposições de tais, no museu da Independência. A Ong Timor- Aid também tinha um acervo.

**[Trilha sonora: cantores e instrumentistas Adadi, de Ataúro, Timor-Leste: Sr. Tari Sosé (Aleysu Martins), Kalo Kosé (José), Kaé Koli (Marcelo Soares), Koli Kilir (Ermenegildo de Araujo), publicados no CD TIMOR-LESTE Musiques Adadi, île d'Atauro]**

### **BLOCO 3: Patrimonialização**

**Andreza:** Renata, agora vamos falar um pouco da sua pesquisa! Você esteve em Timor em 2025. Me conta um pouco como foi sua experiência de campo e sua pesquisa?

**Renata:** Minha pesquisa foi muito, muito transformadora. E, Andreza, assim como você em 2014, eu também tive a oportunidade de conviver com as tecelãs no contexto de produção do tais. Além disso, acompanhei de perto feiras e exposições onde o tais era o protagonista.

Não é só um tecido; é uma complexidade que a gente só percebe na prática. Pra começar, tecer o tais exige um condicionamento do corpo muito específico, exige concentração total para fiar as linhas e para que a trama saia perfeita.

Esse saber-fazer ancestral envolve uma série de ações interligadas: desde conseguir a matéria-prima local e fazer os tingimentos naturais, até o ato de tecer em si. Tudo isso se junta e revela o conjunto de relações e conhecimentos que são necessários para que esse tecido incrível exista.

**Andreza:** Você me falou que a sua nova pesquisa trata da patrimonialização das imaterialidades. E quais seriam, na sua visão, os impactos dessa patrimonialização?

**Renata:** Eu notei que esse processo de valorização se intensificou demais, especialmente depois que o taís foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial pela UNESCO em 2021.

Pra quem tá ouvindo, patrimônios imateriais são aqueles que você não consegue tocar, mas consegue sentir e ver o resultado. Pensa assim: não é a igreja (o prédio, o material), mas sim a Festa do Divino (a dança, o ritual, a tradição). É a prática em si! A UNESCO diz que são as tradições, as expressões e os conhecimentos que uma comunidade vê como parte da sua história. Isso inclui rituais, culinária, e, no nosso caso, a tecelagem do taís.

A patrimonialização do *tais* adiciona uma camada significativa à sua biografia cultural, ampliando os sentidos que ele carrega. Com o reconhecimento oficial e a inserção no mercado, o *tais* começou a ganhar novas dimensões em Timor-Leste: além de símbolo cultural, se tornou também um produto econômico. É nesse contexto que entra a Rede Soru Na'in..

**ANDREZA:** O que mais te chamou a atenção na atuação da Rede Soru Na'in e como isso se conecta com o estudo que você está desenvolvendo sobre o taís?

**RENATA:** A Rede Soru Na'in (que em tétum significa 'tecedeira') é um produto direto desse processo de patrimonialização, sabe? Ela foi criada justamente para garantir que a produção continue e que haja desenvolvimento econômico para quem faz o taís. Tanto que os tecidos deles têm uma etiqueta com o símbolo da Rede Soru Na'in, que é uma marca de autenticidade, valorizando a autoria e a história de cada tecelã.

Associações de mulheres, como a Soru Na'in, têm um papel central nisso. Elas atuam para preservar o conhecimento, dar visibilidade, garantir a qualidade e promover a sustentabilidade econômica das tecelãs. A Rede foi formalizada em

2023 pelo Ministério da Justiça de Timor-Leste e reúne centenas de tecelãs nos municípios.

Eles estimulam e oferecem cursos para essas mulheres: não só para aperfeiçoar técnicas e usar matéria-prima local e tingimentos naturais, mas também em gestão, organização de orçamentos e como posicionar melhor os produtos nos mercados (nacionais e internacionais).

Um ponto importante: a loja da Rede em Dili funciona como uma vitrine comercial, conectando as tecelãs rurais a públicos maiores, garantindo que o produto seja autêntico e o retorno econômico justo. A Rede, inclusive, luta contra as imitações de taís, especialmente produtos importados e baratos que copiam os padrões de Timor.

Essa atuação da Rede Soru Na'in se conecta perfeitamente com meu estudo, porque ela evidencia os pontos de tensão entre o local (as tecelãs, as histórias, o trabalho manual) e o global (o mercado, o reconhecimento internacional, a patrimonialização formal).

**ANDREZA:** Você que está nos escutando, já imaginou que não apenas as pessoas têm uma vida social, mas as coisas, os objetos, também adquirem uma história social ao longo de sua trajetória?

**RENATA:** Andreza, é interessante você perguntar isso! Você sabia que a patrimonialização do taís, reconhecido pela UNESCO em 2021, surgiu em grande parte por causa da circulação de tecidos piratas chineses no mercado local? Esse contexto mostra como a trajetória do taís vai além das práticas locais.

E é aí que entra a ideia da "vida social das coisas"! Tem um antropólogo, o Arjun Appadurai, que fala exatamente isso: assim como a gente, os objetos têm uma biografia que é moldada por interações e transações. É o que acontece com o taís, que transita entre contextos culturais e econômicos diferentes.

Essa trajetória se torna ainda mais complexa quando o taís circula entre o regime da dádiva (baseado na reciprocidade e laços sociais) e o regime de mercado (voltado para o valor econômico).

Tudo isso tem muitos impactos na vida das tecelãs e do próprio taís. Primeiro, a patrimonialização fortalece a visibilidade e o reconhecimento do trabalho delas, especialmente das pessoas mais velhas. Ao mesmo tempo, o taís passa a circular em novos contextos: não é só mais um objeto ritual, ele vira um produto econômico, um símbolo de identidade e até atrativo turístico.

Esse "tornar-se objeto turístico" muitas vezes traz adaptações, como a modificação de motivos originais para atender à lógica do mercado. É por isso que iniciativas como a Rede Soru Na'in são vitais: elas ajudam a equilibrar a preservação da autenticidade com as novas possibilidades do taís.

Pra fechar, o que acontece com o taís em Timor-Leste não é exclusivo de lá. Patrimonializar artefatos é uma prática comum no nosso tempo. Aqui no Brasil, a gente vê isso com o artesanato de povos originários: cestos, cerâmicas e têxteis que ganham reconhecimento oficial, entram em feiras e mercados e circulam para além do dia a dia das comunidades.

Tem um artigo que você e a Kelly Silva publicaram em (2016), que é intitulado "A objetificação da cultura para construção nacional em Timor-Leste: Perspectivas a partir de coleções de tais". A patrimonialização do tais vai além de sua preservação: ela transforma o tecido em um símbolo de identidade nacional. Analisando coleções organizadas por ONGs como Alola e Timor-Aid, vocês mostram como esses objetos culturais passam a responder a preocupações de construção nacional, desde a valorização da igualdade de gênero e o reconhecimento social até a geração de renda e o fortalecimento do patrimônio cultural, tanto material quanto imaterial.

A análise do tais em Timor-Leste oferece insights valiosos para compreender como a patrimonialização e a objetificação da cultura afetam a vida social e econômica de comunidades em diferentes contextos. Esses processos, embora específicos, têm semelhanças que merecem atenção e reflexão crítica.

**[Trilha sonora: cantores e instrumentistas Adadi, de Ataúro, Timor-Leste: Sr. Tari Sosé (Aleysu Martins), Kalo Kosé (José), Kaé Koli (Marcelo Soares), Koli Kilir (Ermenegildo de Araujo), publicados no CD**

## **TIMOR-LESTE Musiques Adadi, île d'Atauro]**

**Renata:** Andreza, muito obrigada por essa conversa. Foi muito interessante colocar nossas pesquisas em diálogo, acompanhando de certa forma essa a passagem de um objeto de dádiva a um patrimônio cultural.

**Andreza:** Agradeço o convite, Renata.

### **FECHAMENTO**

**[Trilha sonora: música eletrônica com elementos sonoros que remetem a economia, como sons de feira e som de cupom fiscal. A música permanece ao longo de toda a fala de Kelly]**

**Kelly:** Você acabou de ouvir o Podcast Economias Mutantes, uma produção do Laboratório de Estudos em Economias e Globalizações, vinculado ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. O episódio de hoje “A Vida Social dos Objetos” é produto das pesquisas realizadas por Renata Nogueira da Silva e Andreza Carvalho Ferreira, sob orientação de Kelly Silva. A pesquisa é fruto de fomento do Fundo de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ); e Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contamos ainda com o valioso apoio da Universidade Nacional Timóteo Rosai por meio dos professores Antero Benedito da Silva e Tereza Tan, a quem agradecemos muito. Somos gratas também ao suporte oferecido pela Rede Soronai, Timorede, Alola Foundation, Sra. Maria do Céu Lopes, Sra. Ofélia Napoleão, Mana Grazi, Maninês e todos e todas interlocutores de nossas investigações que generosamente nos permitem conhecer melhor o mundo pela vida compartilhada com eles e elas. Se quiser saber mais sobre os trabalhos do LEEG, acesse o nosso site: [www.leeg.dan.bsb.br](http://www.leeg.dan.bsb.br). Ou ainda, nosso perfil no Instagram: @leeg.unb. Na descrição desse episódio, no site do LEEG, você encontra sua transcrição completa e materiais referentes ao tema. A apresentação e roteiro do episódio foram elaborados por Renata Nogueira da Silva e Andreza Carvalho Ferreira, sob orientação de Kelly Silva e Irene do

Planalto Chemin; a edição de roteiro, edição de áudio, sonoplastia e finalização é de Irene do Planalto Chemin; a música tema do nosso podcast é de Fábio Popinigis; a narração foi gravada no estúdio da Subsecretaria de Formação Continuada (EAPE), da Secretaria de Educação do Distrito Federal, a quem agradecemos muito pelo apoio; a identidade visual do nosso podcast é de Rafael Carón; a comunicação e divulgação do nosso podcast tá sob responsabilidade de Irene do Planalto Chemin; a coordenação geral do podcast Economias Mutantes é de Kelly Silva. Obrigada por nos escutar até aqui.